



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/17991>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v18i31.17991>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 18 | N. 31 | Jul-Dez, 2024, pp. 121-140

Submissão: 10/02/2025 | Aprovação: 12/03/2025



LOBO ANTUNES – A RESISTÊNCIA PELO ESTILO

LOBO ANTUNES – RESISTANCE THROUGH STYLE

Marisa MOURINHA  

Universidade de Lisboa – ULisboa (Portugal)¹

Resumo: Um dos mais prolíficos e internacionais autores portugueses contemporâneos, António Lobo Antunes construiu uma carreira literária muito a partir dos seus próprios fantasmas, mas também dos da nação. Ao longo dos seus mais de trinta romances, as suas personagens são chamadas a fazer contas com a memória coletiva e com a história recente do país. Aqui detemo-nos sobretudo no seu romance de 1988 *As Naus*, para mostrar como o autor usa as suas técnicas narrativas para colocar em ato o seu programa de resistência que se joga afinal, todo ele, na escrita.

Palavras-chave: Lobo Antunes. *As Naus*. Resistência. Memória. Estilo.

Abstract: *One of the most prolific and internationally known contemporary Portuguese authors, António Lobo Antunes built his literary career mostly on the nation's traumas, but also on his own. In his novels, now more than thirty, his characters are called upon to make due with the country's collective memory and recent history. Here we dwell mostly on his 1988 novel As Naus, to show how the author uses his narrative techniques in order to act out his resistance agenda – an agenda that is played out entirely through his writing.*

Keywords: Lobo Antunes. *As Naus*. Resistance. Memory. Style.

¹ Doutora em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa. Pós-Doutoranda do projeto AfroLab do CLEPUL. E-mail: marisa.mourinha@campus.ul.pt

INTRODUÇÃO

António Lobo Antunes é um dos autores portugueses mais reconhecidos tanto em Portugal como no estrangeiro. Tendo publicado o seu primeiro romance em 1979, conta hoje com pouco mais de 30 romances publicados. Conseguiu o prodígio pouco habitual de ser, simultaneamente, um sucesso junto do público e muito considerado pela crítica. Nesta carreira já longa, o estilo do autor foi evoluindo, mas houve traços que se foram mantendo ao longo do tempo. Destacaria sobretudo: (1) o registo intimista, por vezes autobiográfico, ainda que muito filtrado, e que acabou por redundar num investimento muito marcado na técnica do fluxo de consciência; (2) a recorrência, na sua obra, de temas e ambientes próximos dos da experiência do autor, fazendo com que boa parte dos seus romances se passem em Lisboa ou noutros cenários bem conhecidos do escritor, mantendo, além disso, uma relação muito próxima com a história recente de Portugal.

Os três primeiros romances de Lobo Antunes são conhecidos por serem autobiográficos de forma muito imediata. O sucesso inesperado provocado pela publicação do primeiro destes romances, *Memória de Elefante*, levou a editora a publicar apressadamente um segundo romance do mesmo autor, *Os Cus de Judas*. Este revelou-se, se possível, um sucesso ainda maior. Este segundo livro, também ele de 1979, permanece, ainda hoje, um dos mais republicados em português, e um dos mais traduzidos, tendo ficado na memória colectiva como um exemplo marcante da sua obra.

Com o mesmo estilo barroco do primeiro romance, este consiste de um longuíssimo monólogo. Na acção presente, um médico, marcado pela sua experiência na guerra colonial e o recente divórcio, tenta seduzir uma mulher que acaba de conhecer num bar. O seu discurso, porém, facilmente deriva para assuntos vários, como as suas memórias de infância ou os traumas da guerra. Desta forma, *Os Cus de Judas* passou a ser identificado, na memória colectiva, como o primeiro grito que foi publicado, em forma literária, de uma geração a quem a ditadura tinha, até então, obliterado a voz e a vontade.

Por detrás do sucesso retumbante (e prolongado) desta obra, está seguramente também este factor: Lobo Antunes tornou-se, com estes seus primeiros romances extremamente colados à sua experiência biográfica, uma voz de contestação. Uma voz que ecoava os pensamentos de uma geração, empurrada para uma guerra em que não acreditava:

Éramos peixes, somos peixes, fomos sempre peixes, equilibrados entre duas águas na busca de um compromisso impossível entre a incomformidade e a resignação, nascidos sob o signo da Mocidade Portuguesa e do seu patriotismo veemente e estúpido de pacotilha, alimentados culturalmente pelo ramal da Beira Baixa, os rios de Moçambique e as serras do sistema Galaico-Duriense, espiados pelos mil olhos

ferozes da PIDE, condenados ao consumo de jornais que a censura reduzia a louvores melancólicos ao relento de sacristia de província do Estado Novo, e jogados por fim na violência paranóica da guerra, ao som de marchas guerreiras e dos discursos heróicos dos que ficavam em Lisboa, combatendo, combatendo corajosamente o comunismo nos grupos de casais do prior, enquanto nós, os peixes, morríamos nos cus de Judas uns após outros (...). (Antunes, 1979, pp. 101-102)

Esta experiência (da relação da sua geração com o regime e com a guerra colonial) surge recorrentemente nos romances do autor. Em termos de estilo, ele explora cada vez mais este princípio – como que de transcrever os monólogos interiores das várias personagens – produzindo um efeito que tende a envolver o leitor.

Quase dez anos depois destes primeiros livros, Lobo Antunes publica uma obra que é singular, no interior da sua trajectória: *As Naus* (1988). Em entrevistas que deu na altura, conta o autor que foi (até então) o livro que mais tempo que levou a escrever – apesar de ser um dos mais curtos. Na várias versões que teve, *As Naus* começou por ser uma história sobre retornados – passada, portanto, nos anos 70 do séc. XX. Foi só mais tarde que o autor teve a ideia de dar à obra uma dimensão alegórica. E é nesse sentido que este romance é singular, no *corpus* do autor.

A certa altura, Lobo Antunes decidiu dar às personagens do romance nomes de navegadores e outras figuras históricas ligadas aos chamados “Descobrimentos”. Ao mesmo tempo, acrescenta alguns elementos circunstanciais que situariam a acção no séc. XVI (roupas, caravelas, instrumentos náuticos...).

A primeira personagem a entrar em cena é um retornado que chega a Lisboa de avião, vindo de Luanda, já a fugir da guerra civil. Acompanhado da sua mulher angolana e do filho, dirige-se a um serviço administrativo (provavelmente o IARN), onde o funcionário tem dificuldade em perceber o seu nome e lhe pergunta: “Pedro Álvares quê?”.

Está dado o tom: vão desfilando, numa Lisboa grafada, de forma arcaizante, com um x, personagens completamente desamparadas, retratadas com cáustica ironia. E vemo-los circular, entre o «estádio de futebol e os prédios altos do Restelo», passando «por uma placa que designava o edifício incompleto» do mosteiro dos Jerónimos, numa cidade em «que os tractores dos cabo-verdianos se cruzavam com carroças de túmulos de infantas e pilhas de arabescos de altares». (Antunes, 1988, p. 10) Entrecruzam-se o séc. XVI e os anos 70: gibões de brocado e calças à boca de sino, o Tejo cheio de naus – e de petroleiros.

Quando saiu a tradução francesa d'*As Naus*, o *Nouvel Observateur* designou-o como «um novo triunfo do romance barroco», enquanto o *Le Monde* intitula o texto em que se fala do livro *O regresso dos Lusíadas*. A ideia de dar às personagens nomes de figuras históricas cria uma

intertextualidade expressiva – mais do que com *Os Lusíadas* em si ou qualquer outra obra de literatura, com a própria história. Escreve Eduardo Lourenço:

Na verdade, o primeiro livro no qual encontrei um eco de muitas preocupações da minha geração, e minhas também, foi *As Naus*. Com *As Naus*, eu encontrei o primeiro livro, a primeira ficção, onde toda a História portuguesa como ficção de si mesma se exorciza (não foi sempre ficção mas cedo começou a ser ficção). (Lourenço, 2003, p. 353)

A escolha de palavras de Lourenço parece-me certa: mais que denúncia, aqui há exorcismo. Mais que protesto, o que há nesta obra (nesta em particular, mas também na obra de Lobo Antunes de um modo mais geral) é negociação, por parte do autor, do seu lugar na história e perante a história. E, com o autor, ou através dele e das suas palavras, de toda uma geração.

A ideia de cruzar os dois mundos, contrapondo aquele que costuma ser, na narrativa dominante, um momento de glória, com aquele que foi, já na vida adulta do autor e de quem o lê, a sua contraparte trágica (a queda do império), cria ressonâncias muito poderosas.

Nesta narrativa de Lobo Antunes, os heróis dos livros de história vêm-se confrontados com problemas mundanos. Pedro Álvares Cabral procura emprego em vão, ao mesmo tempo que o Senhor Francisco Xavier encaminha a sua mulher para o negócio da prostituição: “A tua esposa vai trabalhar lá em baixo num bar até a contazinha da pensão ficar paga” (Antunes, 1988: 39).

Vasco da Gama, aparentemente, vive da batota que faz às cartas; no caso de Diogo Cão, não é claro se caiu em desgraça devido ao seu alcoolismo, ou se foi o alcoolismo que o perdeu.

O «homem de nome Luís a quem faltava a vista esquerda» (ibid.: 19), a certa altura rouba uma esferográfica a um empregado de mesa e começa a escrever as suas oitavas na mesa de uma esplanada em Santa Apolónia. Manoel de Sousa de Sepúlveda preside ao conselho fiscal de uma companhia de Seguros, e o padre António Vieira, perigoso marginal, foi expulso de todos os cabarés de Lisboa.

Quando Vasco da Gama chegou de camioneta a Vila Franca de Xira, com o baralho da sueca na algibeira, a fim de se empregar no comércio das solas, encontrou, em lugar das árvores e das casas e das ruas de que à noite se lembrava em África com a meticulosa precisão da saudade, uma terra de que sobrava o gume dos telhados e o pagode do coreto, submergida pela imensa extensão de água parada do Tejo, que afogava quintas, vacas e muros, empurrada pelas chuvas de Novembro. (Antunes, 1988, p. XX)

Quando este livro foi publicado em Portugal, o escritor gozava já de uma sólida fama. Além do favor do público, que conseguira desde o início, por esta altura conquistara já também o respeito da crítica. Mesmo assim, quando *As Naus* saiu em Portugal, a recepção não foi exactamente calorosa. A percepção do público português chocava com a imagem que o próprio autor tinha da sua obra.

Há várias entrevistas, da altura em que o livro saiu, que espelham isso mesmo. Mais do que a interpretação que propõem os jornalistas ou a auto-percepção que tem o autor, choca o desfasamento entre ambas: toda a gente reage à extrema melancolia que emerge da intertextualidade – e, acrescentaria eu, da introspecção a que ela convida – e o autor parece estar ainda em estado de graça, em vários sentidos.

Numa entrevista (que eu descreveria como particularmente dialéctica) a jornalista Inês Pedrosa interroga insistentemente o autor sobre o que, na opinião dela, transparece da alegoria que Lobo Antunes criou. Depois de várias perguntas sobre vários pormenores específicos, ela pergunta “Porque é que o regresso destas caravelas é tão triste, porque é que Lisboa é uma cidade tão desolada?”. O autor reage com surpresa: “Acha que o livro é triste?” Quanto Inês Pedrosa o confirma, Lobo Antunes protesta a sua inocência e confessa o seu desconcerto: “Palavra de honra. Pensava que era um livro divertido.” A questão não se fecha com esta resposta: a jornalista vai insistindo na sua posição, e o autor na dele: “Olha, eu pensava que era um livro divertido e alegre. E maluco.” Ainda que conceda: “Mas por acaso, quando reli, achei que aquelas histórias não eram tão doidas como isso...”

Não deixa de ser interessante o quanto o próprio autor estava inconsciente da amarga ironia da sua obra. Mas a verdade é que *As Naus* despertou reacções muito negativas, tanto à direita como à esquerda: esta farsa feriu susceptibilidades em vários quadrantes da sociedade portuguesa de então, ainda pouco preparada para enfrentar estes seus fantasmas.

Retomando a frase de Eduardo Lourenço sobre a história de Portugal como ficção de si mesma, o facto é que nunca é muito claro onde começa a ficção e termina a História – afinal, a historiografia oficial é também ela uma narrativa. O mais das vezes, denuncia mais sobre quem a escreve do que sobre aquilo que efectivamente se passou. Mas é uma narrativa com uma relação com as vidas privadas dos indivíduos (no caso da história contemporânea, uma relação que é mesmo muito próxima). Nesse sentido, é uma narrativa com que temos de nos relacionar, e fazer os nossos ajustes de contas.

E é isso que faz Lobo Antunes. No caso de *As Naus*, excepcionalmente, recorre a uma dimensão alegórica que nunca usara antes nem voltou mais a usar ao longo da sua obra. Confrontado com as suas escolhas de construção narrativa para esta obra, confessará repetidamente que não sabe explicar porquê, mas que tinha de ser assim. Teve de ser assim. Lobo Antunes queria escrever esta história, nunca nenhum romance lhe tinha levado tanto tempo a escrever, e não conseguiu escrevê-lo senão desta maneira.

Antes de terminar, uma ressalva: este livro que, em 1988, incomodou esquerdas e direitas em Portugal, foi conquistando o seu público. Com o tempo, a sociedade portuguesa foi fazendo as contas com este passado, exorcizando alguns fantasmas... e, hoje em dia, nada disto já causa a polémica que causou em 1988.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo, **Os Cus de Judas**, Lisboa, Vega, 1979.

ANTUNES, António Lobo, **As Naus**, Lisboa, D. Quixote, 1988.

LOURENÇO, Eduardo, Divagação em torno de Lobo Antunes, in **A escrita e o mundo em António Lobo Antunes. Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora**, Dom Quixote, Lisboa 2003.